



Wilson Pedrosa/AE

Paulo Octávio: fora da disputa para o governo do DF

A primeira vítima 224

GRAÇA RAMOS

BRASÍLIA — A vitória do candidato da Frente Brasil Popular, Luiz Inácio Lula da Silva, sobre o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, por 28,1% a 22,07% dos votos da Capital Federal, fez uma vítima. O coordenador local da campanha do PRN, o empresário Paulo Octávio Pereira, amigo íntimo de Collor, é responsabilizado pela derrota e vê diminuir suas chances de ser o governador do Distrito Federal.

No comitê central da campanha, dois adjetivos são usados, para definir Paulo Octávio, poderoso empresário do setor imobiliário de Brasília. "Incompetente e vaidoso", dizem seus adversários, "ele fomentou demais a versão de que será o governador do Distrito Federal", conta um assessor direto de Collor. "E não há qualquer acordo nesse sentido."

Irritado com o seu desempenho eleitoral em Brasília, Collor pediu mudanças na campanha porque não admite perder na capital de onde poderá vir a governar o País. "Não posso ter uma oposição dentro de casa", queixou-se Collor ao analisar o resultado das urnas na cidade onde passou a maior parte de sua juventude. A irritação, entretanto, não abalou os velhos laços de amizade que o unem a Paulo Octávio, a quem costuma chamar de Pablito. As reuniões políticas da campanha continuam a ter como palco a mansão de P.O., como também é conhecido o empresário, e ele permanece na coordenação da campanha e na vice-presidência do PRN local.

Os críticos de P.O. não conseguem esquecer dois fiascos ocasionados por sua inabilidade e inexperiência política. O primeiro foi a constrangida visita de Collor à Casa da Bênção, em Taguatinga, conhecida por seu descrédito junto à população por cobrar dizimo dos seus seguidores. A outra, foi a ida ao torneio de Tênis da República, quando o candidato levou uma das maiores vaías da sua campanha.

Filho de um conhecido dentista, Cleo Pereira, colega de Collor no Centro Integrado de Ensino Médio — a extinta Escola Secundária mantida pela Universidade de Brasília que formou uma geração de brasilienses —, Paulo Octávio cresceu com a sua Paulo Octávio Empreendimentos Imobiliários nos últimos governos militares. Durante o governo João Figueiredo esteve envolvido em um escândalo. Noivo de Márcia, filha do ministro da Marinha da época, almirante Maximiano da Fonseca, ele ne-

gociou a venda de nove apartamentos do Hotel Saint Paul, do qual é sócio, para a Marinha. O casamento durou alguns anos, mas os negócios continuaram prosperando.

Uma recente pesquisa do Soma Opinião e Mercado, após ouvir 601 pessoas, constatou que o índice de rejeição do empresário na cidade é grande. Metade dos eleitores de Collor não votarão em Paulo Octávio para governador em outubro de 1990, se Collor for o escolhido no segundo turno. Sua saída seria ser escolhido o governador-tampão que, nomeado pelo presidente, administrará a cidade de março a outubro.

Uma pessoa insuspeita sai em defesa de Paulo Octávio. O diretor do Soma, Ricardo Pinheiro Penna, garante que qualquer outro coordenador da campanha de Collor não mudaria o quadro favorável a Lula — que na última pesquisa tem quase 50% das intenções de voto da cidade contra 36% de Collor. "O PT é onipresente em todos os segmentos de trabalhadores na cidade", atesta Penna. Segundo ele, o voto em Lula, em Brasília, é o voto pragmático-político. Escolheram o candidato da Frente, jovens com alguns anos de escolaridade e consciência sobre organização política e sindical. Preferiram Collor de Mello adultos-analfabetos que indentificam no ex-governador de Alagoas a única saída para suas vidas. É o voto místico-mágico.

"Somos uma presença bastante ativa nos setores organizados", reforça o presidente do PT local, Orlando Carrielo. O partido possui cinco mil militantes, está bem estruturado em todas as cidades-satélites, tem até um comitê evangélico e controle sobre 11 sindicatos importantes da cidade.

Consciente da força do PT e dos partidos de esquerda em Brasília — juntos, PT, PDT, PSB e PCB tiveram 69,33% da votação — Collor decidiu mudar a estratégia da campanha na cidade. A deputada Márcia Kubitschek saiu em campo para fortalecer a conquista de lideranças locais. Ela já esteve nas cidades-satélites, visitou a comunidade religiosa do Vale do Amanhecer e anunciou que Collor de Mello fará uma maratona eleitoral visitando todas as satélites em um mesmo dia.

Enquanto isso, Paulo Octávio se retrai nos contatos com a imprensa. Foi aconselhado a agir assim desde que atribuiu a derrota, em entrevista ao Correio Braziliense, ao fato "de o eleitorado do Distrito Federal ser constituído basicamente de marajás e sindicalistas".